

Plano da Promessa de DEUS

Teologia bíblica do
Antigo e Novo Testamentos

WALTER C. KAISER JR.


VIDA NOVA

Plano^o *da* Promessa
de DEUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kaiser, Walter C., Jr.

O plano da promessa de Deus : teologia bíblica do Antigo e
Novo Testamentos / Walter C. Kaiser Jr.; tradução Gordon
Chown, A. G. Mendes . -- São Paulo : Vida Nova, 2011.

Título original: The promise-plan of God : a
biblical theology of the Old and New Testaments

Bibliografia

ISBN 978-85-275-0486-7

1. Bíblia - Teologia 2. Deus - Promessas I. Título.

11-12075

CDD-230.041

Índices para catálogo sistemático:

1. Promessa de Deus : Teologia bíblica 230.041

Plano ^oda Promessa *de* DEUS

Teologia bíblica *do*
Antigo *e* Novo Testamentos

WALTER C. KAISER JR.

Tradução

Gordon Chown (Parte 1 e Apêndice C)

A. G. Mendes (Parte 2 e Apêndices A e B)


VIDA NOVA

Copyright ©1978, 2008 by Walter C. Kaiser Jr.

Título original: *The Promise-Plan of God*

Traduzido da edição publicada pela Zondervan, Grand Rapids, Michigan, 49530, E.U.A.

1.ª edição: 2011

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970 www.vidanova.com.br / e-mail: vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0486-7

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Djair Dias Filho

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Mauro Nogueira

DIAGRAMAÇÃO

OM Designers Gráficos

CAPA

Tammy Johnson

FOTO DE CAPA

Stockbyte, Getty Images

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil com todos os direitos reservados pela Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

*Dedicado a
sete maravilhosos netos
que amam uma boa história,
especialmente a grandiosa e
universal história da Bíblia:*

Christine Margaret Coley
Sarah Elise Coley
Austin Jonathan Kaiser
Brittany Mae Kaiser
Kathleen Michelle Coley
Joshua Michael Christian Coley
Benjamin Matthew Isaac Coley

Salmo 128.5,6

Sumário

Prefácio	11
Introdução: O plano da promessa de Deus nos dois testamentos	13
Parte 1. Teologia bíblica do Antigo Testamento	
Capítulo 1. Prolegômenos à promessa: a era pré-patriarcal	33
<i>Gênesis 1—11</i>	
<i>Excursão A: Os números das genealogias de Gênesis podem ser usados para calcular a data do nascimento de Adão?</i>	
<i>Excursão B: Os filhos de Deus e as filhas dos homens (Gênesis 6.1-4)</i>	
Capítulo 2. As provisões na promessa: a era patriarcal.....	52
<i>Gênesis 12—50</i>	
<i>Jó e os patriarcas</i>	
Capítulo 3. O povo da promessa: a era mosaica	69
<i>O livro de Êxodo</i>	
<i>O livro de Levítico</i>	
<i>O livro de Números</i>	
<i>Excursão: O problema dos números de Números</i>	
Capítulo 4. O lugar da promessa: a era pré-monárquica	93
<i>O livro de Deuteronômio</i>	
<i>O livro de Josué</i>	
<i>O livro de Juízes</i>	
<i>Excursão: A teologia de Deus e o genocídio cananeu</i>	
Capítulo 5. O rei da promessa: a era davídica	116
<i>O livro de Rute</i>	
<i>Os livros de Samuel</i>	
<i>Os Salmos Reais</i>	
<i>1Reis 1—11</i>	

Capítulo 6. A vida na promessa: a era sapiencial.....	138
<i>O livro de Jó</i>	
<i>O livro de Provérbios</i>	
<i>O livro de Eclesiastes</i>	
<i>Cântico dos Cânticos</i>	
<i>Excursão: O relacionamento entre a literatura</i> <i>de sabedoria e a Torá</i>	
Capítulo 7. O dia da promessa: profetas do século IX a.C.....	161
<i>O livro de Obadias</i>	
<i>O livro de Joel</i>	
Capítulo 8. Os servos da promessa: profetas do século VIII a.C.	172
<i>O livro de Amós</i>	
<i>O livro de Oseias</i>	
<i>O livro de Jonas</i>	
<i>O livro de Miqueias</i>	
<i>O livro de Isaías</i>	
Capítulo 9. A renovação da promessa: profetas do século VII a.C.....	202
<i>O livro de Naum</i>	
<i>O livro de Sofonias</i>	
<i>O livro de Habacuque</i>	
<i>O livro de Jeremias</i>	
Capítulo 10. O reino da promessa: os profetas exílicos	218
<i>O livro de Ezequiel</i>	
<i>O livro de Daniel</i>	
Capítulo 11. O triunfo da promessa: tempos pós-exílicos.....	232
<i>O livro de Ageu</i>	
<i>O livro de Zacarias</i>	
<i>O livro de Malaquias</i>	
<i>Os livros de Crônicas, Esdras, Neemias e Ester</i>	
Parte 2. Teologia bíblica do Novo Testamento	
Introdução: O advento da promessa: Jesus, o Messias	249
Capítulo 12. O plano da promessa e a lei de Deus.....	265
<i>Tiago: a lei perfeita de Deus</i>	
<i>Gálatas: a observância da lei</i>	

*Excurso: A promessa da inclusão dos gentios,
e a lei no Antigo Testamento e em Paulo*

Capítulo 13. O plano da promessa e a missão da igreja.....	282
<i>1 e 2 Tessalonicenses: a vinda do Senhor</i>	
<i>1 e 2 Coríntios: pondo ordem na igreja</i>	
<i>Romanos: justiça de Deus no evangelho</i>	
Capítulo 14. O plano da promessa e as epístolas paulinas da prisão.....	303
<i>Colossenses: a primazia de Jesus e a nova vida em Cristo</i>	
<i>Filemom: comunhão alicerçada no evangelho</i>	
<i>Efésios: o mistério de Deus</i>	
<i>Filipenses: imitação de Cristo</i>	
Capítulo 15. O plano da promessa e o reino de Deus	322
<i>O evangelho de Marcos: Jesus, um resgate para muitos</i>	
<i>O evangelho de Mateus: o reino de Deus</i>	
Capítulo 16. O plano da promessa e a promessa do Espírito Santo	337
<i>O evangelho de Lucas</i>	
<i>Os Atos dos Apóstolos</i>	
Capítulo 17. O plano da promessa e a pureza de vida e doutrina	354
<i>1 Pedro: o sofrimento dos crentes</i>	
<i>2 Pedro e Judas: a condenação dos falsos mestres</i>	
<i>Excurso: Jesus desceu ao inferno para pregar?</i> <i>(1 Pedro 3.18-20)</i>	
Capítulo 18. O plano da promessa e as Epístolas Pastorais	367
<i>1 Timóteo: a conduta na casa de Deus</i>	
<i>2 Timóteo: a impiedade nos últimos dias</i>	
<i>Tito: a graça de Deus</i>	
Capítulo 19. O plano da promessa e a supremacia de Jesus	380
<i>Hebreus</i>	
<i>Excurso: Advertências contra a rejeição obstinada ao conhecimento da verdade</i>	

Capítulo 20. O plano da promessa e o evangelho do reino	396
<i>O evangelho de João</i>	
<i>1, 2 e 3 João: amor pelos irmãos</i>	
<i>Apocalipse: a revelação de João</i>	
<i>Excursão A: Satanás será amarrado antes ou</i> <i>depois da segunda vinda de Cristo?</i>	
<i>Excursão B: Haverá duas ressurreições ou apenas uma,</i> <i>e, se forem duas, uma será espiritual e a outra, física?</i>	
Epílogo.....	415
Apêndice A. Diagramas cronológicos dos livros da Bíblia.....	421
Apêndice B. Frequência bíblica da palavra <i>epangelia</i> , “promessa”	423
Apêndice C. Definição e método de teologia do Antigo Testamento.....	426
<i>Capítulo 1: A importância da definição e da metodologia</i>	426
<i>Capítulo 2: A identificação de um centro teológico canônico</i>	444
<i>Capítulo 3: O desenvolvimento de um esboço</i> <i>para a teologia do Antigo Testamento</i>	462
<i>Capítulo 4: As conexões de temas emergentes ao longo</i> <i>de períodos históricos distintos</i>	475
Glossário.....	489
Bibliografia.....	493
Índice de autores	503
Índice de assuntos	509

Prefácio

No novo mundo dos tempos pós-modernos, não raro nos vemos destituídos da estrutura universal de significado de muitas das grandes obras literárias, inclusive da Bíblia. Com frequência, partimos do pressuposto de que a ênfase na diversidade está mais de acordo com o pluralismo e o individualismo dos nossos dias. No entanto, ao chegarmos a essa conclusão e a esse impasse, deixamos de ver a grande narrativa que permeia as diversas histórias e seções da Bíblia. O declínio da tese da unidade da Bíblia resultou numa Bíblia truncada e incapaz de apresentar integralmente o plano e a mente de Deus no texto da Escritura.

Jean-François Lyotard disse em *A condição pós-moderna* que o ponto de vista pós-modernista do mundo requer uma “guerra à totalidade”¹. Trata-se nada menos do que uma investida contra qualquer reivindicação de significado universal. É, portanto, um ataque a qualquer cosmovisão que advogue a totalidade e a unidade de uma obra e da própria vida! O problema desse ponto de vista, naturalmente, é que ele pretende eximir a visão que defende da tese que nega a existência de unidades ou planos universais na vida ou em obras como a Bíblia.

Mas, e se tomássemos o texto pelo que ele é, valendo-nos do bom senso da jurisprudência americana segundo a qual uma pessoa é considerada inocente até que seja provada sua culpa? Como seria se aplicássemos essa estratégia ao texto bíblico? Creio que o livro que o leitor tem em mãos responderá a essa pergunta. Já analisei, em outro lugar, se são verídicas, ou não, as declarações feitas pelo texto bíblico e se merece confiança a história que se lê na Bíblia, cujo registro remontaria, de maneira geral, à era que pretende descrever.² Neste livro, porém, proponho-me a defender a unidade da metanarrativa e a retomar a missão original da teologia bíblica como disciplina diacrônica (“que se desenvolve ao longo do tempo”, e não em ciclos repetitivos, conforme a teologia sistemática), que é então aplicada a cada livro ou seção da Bíblia. Em outros

1. Jean-François Lyotard, *The Postmodern Condition: A Report in Knowledge*, trad. Geoff Benington e Brian Massumi. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1984, p. 82 [publicado em português com o título *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998].

2. Walter C. Kaiser Jr., *Are the Old Testament Documents Reliable and Relevant?* Downers Grove: InterVarsity Press, 2001 [publicado em português com o título *Documentos do Antigo Testamento: sua relevância e confiabilidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007]; idem, *A History of Israel: From the Bronze Age Through the Jewish Wars*. Nashville: Broadman and Holman, 1998.

termos, tentei apreender a característica teológica específica de cada seção ou livro à medida que o plano de Deus é revelado no decorrer dos tempos históricos de Israel e da igreja.

A rejeição completa e absoluta de toda metanarrativa não é causa que deva ser adotada por leitores e estudiosos da Bíblia. É por isso que *O plano da promessa de Deus: uma teologia do Antigo e do Novo Testamentos* é uma alternativa a boa parte do trabalho que vem sendo feito no campo da teologia bíblica. Creio que o leitor se interessará pelo assunto à medida que o vir tomando forma a partir da própria Escritura.

Só me resta agradecer àqueles que me ajudaram de uma maneira muito especial enquanto escrevia este livro. São eles: Katya Covrett, Ben Irwin, Jim Ruark, Elizabeth Yoder e Stan Gundry. Minha dívida com vocês é enorme. Cada um deu o melhor de si para que este livro fosse tão bom quanto possível. Agradeço de coração.

Junho de 2007

O plano da promessa de Deus nos dois testamentos

Diversidade ou unidade?

A ênfase na diversidade dentro da Escritura é de tal modo generalizada hoje em dia que, para a maior parte dos estudiosos da Bíblia, qualquer outra perspectiva não condiz com o estado atual de desenvolvimento dessa disciplina. Como disse Gerhard Maier:

É difícil falar de um “centro” da Escritura nos dias de hoje, porque a rubrica “centro da Escritura” vem quase sempre separada da expressão “unidade da Escritura”. Embora ambas estivessem intimamente associadas na época da Reforma, o Iluminismo as separou. Na verdade, o “centro da Escritura” praticamente substituiu a outrora perdida “unidade da Escritura”¹.

Desse modo, na tentativa de voltar àqueles tempos pré-críticos², sobretudo ao ambiente que vigorava na Reforma, defenderei aqui um “centro” derivado do texto que estabelece, ao mesmo tempo, um paralelo com a tese da “unidade da Bíblia”. Creio que um centro que privilegie a Escritura e a unidade que lhe faz companhia encontram forte respaldo especialmente nos autores do Novo Testamento. Eles ensinaram que a doutrina do Messias, o Ungido de Deus, fora preservada como testemunho da “promessa” (ou plano da promessa) feita por Deus. Contudo, ela surge primeiramente em todas as partes do Antigo Testamento, embora sua presença ali se dê sob os mais diferentes nomes, ainda que sinônimos, como “palavra”, “descanso”, “bênção” etc.³ Pode-se defender essa tese com base em uma lista de dez generalizações tiradas da Escritura sobre o plano da promessa de Deus. Antes de mais nada, porém, vamos tentar definir o plano unificador manifesto na Escritura.

1. Gerhard Maier, *Biblical Hermeneutics*, trad. Robert W. Yarbrough. Wheaton: Crossway, 1994, p. 202.

2. “Tempos pré-críticos” não é expressão muito feliz, mas é quase sempre usada atualmente em referência à interpretação da Escritura antes da ascensão da tese histórico-crítica de abordagem ao texto bíblico surgida no século XVIII.

3. Faz muitos anos que vivo sob o impacto da tese de Willis J. Beecher, *The Prophets and the Promise* (1905). Reimp. Grand Rapids: Baker, 1975. O que se segue é uma reformulação muito próxima da perspectiva por ele defendida há mais de um século nas célebres Palestras Stone, em Princeton.

Definição do plano da promessa de Deus

Ao enfatizar um plano único da promessa de Deus como centro teológico de toda a Bíblia, em vez de listar inúmeras predições aleatórias e dispersas (ou mesmo a ausência de uma mente ordenadora por trás da revelação), a teologia bíblica se distingue da tarefa e dos resultados da disciplina conhecida como *teologia sistemática*.

A teologia sistemática sempre organizou sua perspectiva em torno de tópicos e de temas como Deus, humanidade, pecado, Cristo, salvação, a igreja e as últimas coisas. Já a teologia bíblica, com muita frequência, é uma disciplina em busca de uma missão e de uma estrutura, caindo muitas vezes nas mesmas trilhas tópicas e estruturais já percorridas pela teologia sistemática, embora a critique severamente e se coloque acima dela com o argumento de que a teologia sistemática impôs ao seu material um crivo externo (tomado da filosofia ou de outra fonte semelhante).

Desde o início, a teologia bíblica sempre se caracterizou por um tom fortemente diacrônico que insiste em rastrear o desenvolvimento histórico da doutrina conforme ela se apresenta cronologicamente na história de Israel e da igreja. Portanto, embora tivesse de ser fiel às Escrituras na *forma* e no *método*, bem como na substância, tinha de apresentar-se na ordem na qual Deus manifestou sua revelação ao longo dos séculos ou décadas. Era preciso que fosse uma teologia bíblica, e não uma compilação de *teologias* bíblicas (com base em outro pressuposto segundo o qual o cânon não teria unidade ou centro algum). A utilização do substantivo singular em *teologia bíblica* era sinal de que havia um centro organizador que podia ser descoberto, de que o cânon todo expressava a unidade de um propósito divino único e unificado. Essa unidade tinha de ser posta a nu antes que se explorassem o plano e o propósito de Deus conforme revelados nos livros e nas seções das Escrituras.

A melhor proposta para tal unidade encontra-se exatamente onde as Escrituras indicaram por meio de reiteradas referências. Creio que o candidato mais adequado à unidade ou ao centro da manifestação de Deus é o “plano da promessa” de Deus conforme revelado nas reiteradas referências encontradas em toda a Bíblia. O plano da promessa da teologia bíblica se preocupa com uma palavra divina de promessa de alcance amplo, e não com suas numerosas predições (conforme pensa muita gente quando ouve a palavra “promessa”), rastreando o desenvolvimento dessa declaração de Deus nas grandes passagens pedagógicas de cada era da revelação divina. Em geral, na teologia dogmática ou sistemática, os textos usados para respaldar uma doutrina qualquer são versículos esparsos (em vez da grande “cátedra”, capítulos pedagógicos ou perícopes) distribuídos por toda a Bíblia.

Enquanto a teologia sistemática, de modo geral, separa a predição da promessa, omitindo referências ao aspecto ameaçador da promessa e aos juízos de Deus, bem como aos *meios* históricos utilizados por Deus para manter viva

sua palavra e, em última análise, cumpri-la, a teologia bíblica insiste em manter unidos tanto os aspectos ameaçadores quanto as predições de esperança como facetas diferentes do mesmo plano da promessa. Ela investiga também os meios históricos intermediários ou elos pelos quais essa palavra foi preservada em cumprimentos parciais até que o cumprimento final e completo se manifestasse em Cristo. Portanto, o plano da promessa não se resumiu apenas a uma palavra preditiva que ficou inerte e em forma de palavra até ser finalmente cumprida em seu ponto final. Tratava-se, isto sim, de uma palavra mantida ao longo dos séculos em uma série contínua de cumprimentos históricos que serviram de sinal ou de adiantamento dado por uma palavra que ainda apontava para seu cumprimento último ou final.

Willis J. Beecher, nas Palestras Stone de 1904, em Princeton, definiu a promessa da promessa a Abraão e, por meio dele, a toda a humanidade; uma promessa cumprida na eternidade e que se cumpria na história de Israel; ela cumpriu-se de forma especial em Jesus Cristo, sendo ele o principal personagem da história de Israel⁴.

De igual modo, a promessa divina foi feita aos patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó, em Gênesis. Ela prosseguiu e foi renovada na narrativa do Êxodo, enfatizando que a nova nação de Israel era filha de Javé e seu povo, e que ela se tornaria um reino de sacerdotes e nação santa em benefício de toda a humanidade. Todavia, dessa “semente” sairia o Messias de Deus para o mundo todo.

A mesma promessa é reafirmada e renovada com Davi ao ser-lhe dito que a ele e à sua “semente” seriam dados um “trono”, uma “dinastia” e um “reino” (2Sm 7.16) que serviriam de “lei/contrato para toda a humanidade” (2Sm 7.19, tradução do autor). Dos tempos de Davi em diante, uma corrente de profetas-escritores compôs os Salmos e os chamados livros históricos (um nome melhor seria “Profetas Anteriores”), bem com os livros dos “Profetas Posteriores”. Eles também insistiram em recorrer ao plano da promessa que Deus dera aos patriarcas e a Davi e fizeram dele igualmente coração e alma da mensagem que deixaram para os seus dias e também para os nossos.

Não é de espantar, portanto, que os autores do Novo Testamento tenham entendido que o tema da promessa não só fosse o centro unificador que lhes permitia compreender o Antigo Testamento, mas também o meio através do qual era possível acompanhar o avanço e o desenvolvimento contínuos da meta-narrativa da obra futura de Deus. Meu único acréscimo à definição de Beecher seria transpô-la de volta aos tempos da promessa edênica feita a Eva de que sua “semente” esmagaria a cabeça da serpente, o mal em pessoa. Minha definição pessoal do plano da promessa de Deus é a seguinte:

4. Beecher, *Prophets*, p. 178.

O plano da promessa é a palavra declarada por Deus, primeiramente a Eva e depois ao longo de toda a história, principalmente aos patriarcas e à linhagem de Davi, de que Deus estaria continuamente, por meio de sua pessoa e em seus feitos e obras (em Israel e através de Israel e, mais tarde, na igreja), realizando seu plano redentor como *meio* de manter aquela palavra prometida viva para Israel e, dessa forma, para todos os que viessem a crer subsequentemente. Todos os que pertenciam àquela semente da promessa foram chamados a ser luz de todas as nações, para que todas as famílias da terra chegassem à fé e à nova vida pelo Messias.

Dez características do plano da promessa de Deus

O plano da promessa pode ser descrito com dez características distintas. São elas:

1. *A doutrina do Messias Prometido aparece por toda a Bíblia e não apenas em algumas poucas passagens isoladas ou escolhidas conforme o Esquema de Cumprimento da Profecia.*

Nosso Senhor partiu do pressuposto de que os leitores do Novo Testamento sabiam quem ele era e o que haveria de lhe acontecer em Jerusalém. Por exemplo, os dois discípulos que Jesus encontrou no caminho de Emaús no primeiro domingo de Páscoa foram duramente reprimidos por nosso Senhor por não compreenderem a mensagem do Antigo Testamento e o significado do que fora dito a respeito do futuro Messias:

Depois lhes disse: “São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco: Era necessário que se cumprisse tudo o que estava escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.” (Lc 24.44)

“Ó tolos, que demorais a crer no coração em tudo o que os profetas disseram! Acaso o Cristo não tinha de sofrer essas coisas e entrar na sua glória?” E, começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a seu respeito em todas as Escrituras. (Lc 24.25-27)

O que o Antigo Testamento continha apenas sob a forma de palavra de promessa era precisamente o que nosso Senhor supunha que pessoas leigas e comuns como Cleopas e seu companheiro soubessem, apesar de sua tristeza evidente em razão do que imaginavam ser uma reviravolta trágica que culminaria com a crucifixação de Jesus.

2. *O ensino messiânico do Antigo Testamento era considerado o desenvolvimento de uma única promessa (gr. epangelia), repetida e desvendada ao longo dos séculos por meio de numerosas especificações e em múltiplas formas, mas sempre fiel ao mesmo núcleo essencial.* Trata-se de um artigo de fé tão fundamental que o apóstolo Paulo, quando levado a julgamento, e correndo risco de vida, sintetizou toda a sua vida e ministério com as seguintes palavras:

Agora estou aqui para ser julgado por causa da esperança da *promessa* feita por Deus a nossos pais. As nossas doze tribos esperam alcançar essa *promessa*, servindo a Deus com fervor noite e dia [...] que Deus ressuscite os mortos (At 26.6-7a, 8b, grifo do autor).

O apelo de Paulo ao rei Agripa não se baseava em predições diversas espalhadas pelas Escrituras, mas “na promessa” (isto é, em uma promessa específica, conforme permite vislumbrar o artigo definido “a” que aparece aqui contraído com a preposição “em”) feita por Deus há muito tempo aos ancestrais da nação (Abraão, Isaque e Jacó e Davi) e “na promessa” feita por ele às “doze tribos”. Conforme diz Beecher: “Ele não se refere ao assunto de que está tratando como predição, e sim promessa; não promessas, mas promessa; não uma promessa, mas a promessa. A palavra está no singular e tem sentido definido”. A totalidade da verdade messiânica essencial de que ele tem conhecimento, o apóstolo resume nesta fórmula: “a promessa de Deus feita a nossos pais”⁵.

Mais de quarenta passagens do Novo Testamento fazem referência à palavra “promessa”⁶, que tem como característica mais central e proeminente a revelação sobre o Messias. Pode-se agrupar em torno desse motivo central todo o ensino do Novo Testamento (e do Antigo Testamento), de acordo com os escritores do cânon bíblico.

3. *Os escritores do Novo Testamento igualam essa promessa única e específica à promessa feita a Abraão quando Deus lhe disse que saísse de Ur dos caldeus.* Em vez de tratar essa promessa definida como se tivesse sido dada recentemente nos tempos neotestamentários, o autor do livro de Hebreus a vincula à transação feita por Deus com Abraão no passado remoto:

Quando Deus fez a *promessa* a Abraão, jurou por si mesmo [...] e disse: “Por certo te abençoarei e te multiplicarei grandemente.” (Hb 6.13-14, grifo do autor).

Deus, querendo mostrar mais claramente aos herdeiros da *promessa* a imutabilidade de seu propósito, interveio com juramento. (Hb 6.17; cf. Gn 22.17, grifo do autor).

[...] Isaque e Jacó [...] herdeiros com ele da *mesma promessa*. (Hb 1.9, grifo do autor).

E todos eles, embora recebendo bom testemunho pela fé, não obtiveram a *promessa* [...] para que, sem nós, eles não fossem aperfeiçoados. (Hb 11.39-40, grifo do autor).

5. Beecher, *Prophets*, p. 180.

6. Ver, no Apêndice B, a tabela de frequência e distribuição de uso do termo *epangelia*.

O apóstolo Paulo utiliza o mesmo argumento em Romanos:

Porque não foi pela lei que Abraão, ou sua descendência, recebeu a *promessa* de que ele havia de ser herdeiro do mundo; ao contrário, foi pela justiça da fé. Pois, se os que vivem pela lei são herdeiros, esvazia-se a fé, e anula-se a *promessa* [...] Contudo, diante da *promessa* de Deus, [Abraão] não vacilou em incredulidade; pelo contrário, foi fortalecido na fé, dando glória a Deus. (Rm 4.13–14,20, grifo do autor).

4. *Embora os escritores do Novo Testamento falem, por vezes, de promessas, usando o plural da palavra, a forma como o fazem não fragiliza a tese de uma promessa única definida nas Escrituras.* Naqueles casos raros em que os autores do Novo Testamento recorrem ao plural “promessas”, eles o fazem com o propósito de indicar que a promessa única comporta especificações diversas. A tendência contemporânea à diversidade na Escritura serve apenas para deixar clara a influência da modernidade e da pós-modernidade em detrimento de uma investigação que revele, de fato, o sistema de organização do texto. Optar pela diversidade significa uma maior adesão à era atual (que valoriza a diversidade e o pluralismo) do que à era da Bíblia, porque ela insiste o tempo todo em refletir em seus textos a mente singular e a vontade única de Deus, e não do agrupamento de autores humanos usados pelo seu Espírito.

Ressalte-se que, apesar de todas essas várias especificações a que os autores se referem como “promessas”, sua existência se dá no âmbito mais amplo da promessa única de Deus, e não no âmbito de fluxos extrínsecos de raciocínios paralelos ou antagônicos, conforme mostram estes exemplos de Romanos:

Eles são israelitas, e deles são a adoção, a glória, as alianças, a promulgação da lei, o culto e as *promessas*. (Rm 9.4, grifo do autor).

Afirmo, pois, que Cristo se tornou servo da circuncisão, por causa da fidelidade de Deus, para confirmar *as promessas* feitas aos patriarcas; para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia. (Rm 15.8-9, grifo do autor).

Uma breve amostra de algumas das várias especificações compreende a promessa do Espírito Santo, a ressurreição do Messias, a herança da terra de Canaã, a missão aos gentios, a vinda do Messias (em seu primeiro e segundo adventos), e assim por diante. Examinaremos posteriormente vários outros lugares em que ocorrem múltiplas especificações. Os exemplos dados, porém, são suficientes para nossa tese de que a promessa única consiste em uma série de temas correlacionados no âmbito de um mesmo plano.

5. *Para os escritores do Novo Testamento, essa promessa única e definida constituída de numerosas especificações é o tema de ambos os testamentos.* Se a Bíblia

tem, de fato, um centro, se há nela uma unidade, deve-se buscá-la, sobretudo, nas declarações dos autores do Novo Testamento, que a situam de modo especial sob o rótulo de “promessa”. Eles recuam no tempo e acompanham o desenvolvimento desse tema messiânico desde Eva, Abraão e seus descendentes, entre eles Davi e sua linhagem, até o século I d.C. Ninguém menos do que o diácono Estêvão refez essa trajetória perante o Sinédrio:

Irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando ele estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e disse-lhe: Sai da tua terra, do meio dos teus parentes, e vai para a terra que eu te mostrarei [...] Enquanto se aproximava o tempo da *promessa* que Deus fizera a Abraão, o povo crescia e se multiplicava no Egito. (At 7.2-3, 17, grifo do autor).

Embora o Antigo Testamento não tenha um equivalente verbal exato do termo “promessa”, o mesmo conceito aparece em uma constelação de outros termos. A expressão mais antiga da ideia da promessa é dada pela palavra “bênção” (*barakah*), tantas vezes repetida, recorrente com muita frequência em Gênesis 1—11 (por exemplo, Gn 1.22, 28; 2.3; 5.2; 9.1, 26).

O Antigo Testamento, porém, utiliza outro termo além de “bênção”. Foster McCurley, por exemplo, contou mais de trinta situações em que o verbo *dibber* (geralmente traduzido como “falar”) poderia ser mais bem traduzido como “prometer”.⁷ Somem-se a esses dois termos o “penhor” divino, seu “juramento” e “descanso”, bem como uma infinidade de termos e de metáforas que apontam para seu privilégio messiânico, tais como “Semente”, “Rebento”, “Servo”, “Pedra”, “Raiz”, “Leão” — e a lista continua.

6. *A promessa feita a Abraão é tratada como evento parcialmente cumprido nos acontecimentos do êxodo e evento ainda a se cumprir integralmente no futuro distante.* Foi isso o que Estêvão quis sublinhar em Atos 7.17, uma vez que Deus estava cumprindo o plano feito a Abraão e nos dias do êxodo, e que mais tarde seria chamado de “a promessa”. Paulo se valeu do mesmo método de interpretação, com a diferença de que começou pelo êxodo e se estendeu até os dias do rei Saul e do rei Davi:

Depois que tirou Saul, deu-lhes Davi como rei [...] Da descendência deste, conforme a *promessa*, Deus trouxe a Israel o Salvador, Jesus. (At 13.22, grifo do autor).

7. Foster R. McCurley Jr., “The Christian and the Old Testament Promise”, *Lutheran Quarterly* 22 (1970): 401-410; esp. 402, n. 2. Entre os vários itens prometidos mediante o uso do verbo “falar” ou “prometer”, temos: (1) a terra (Êx 12.25; Dt 9.28; 12.20; 19.8; 27.3; Js 23.5,10); (2) bênção (Dt 1.1; 15.6); (3) multiplicação do povo de Israel (Dt 6.3; 26.10); (4) descanso (Js 22.4; 1Rs 8.56); (5) todas essas boas coisas (Js 23.15); e (6) uma dinastia davídica, um reino e um trono (2Sm 7.28; 1Rs 2.24; 8.20,24-25; 1Cr 17.26; 2Cr 6.15-16; Jr 33.14) e o substantivo hebraico *dabar*, “palavra”, “promessa” (1Rs 8.56; Sl 105.42).

Como esse plano de Deus era entendido como um processo contínuo que percorria a história toda, era necessário destacar cada um dos eventos do desdobrar da história em direção ao Messias, cumprindo-se, ao mesmo tempo, partes da promessa que seguia adiante rumo à sua resolução e cumprimento completos.

É por isso que os eventos relacionados ao nascimento de João Batista e de Jesus são tratados tanto como cumprimento do plano da promessa quanto como indicadores futuros do que haveria de sobrevir. O pai de João, Zacarias, viu no advento de uma “salvação poderosa na descendência de seu servo Davi” (i.e., o Messias, Lc 1.69) mais um episódio em que se cumpria o “juramento que [Deus] fez a Abraão, nosso pai” (Lc 1.73). Portanto, a promessa passou por Abraão e Davi e alcançou, nos primórdios da era cristã, a João Batista, precursor do nosso Senhor, e ao próprio Jesus.

7. *Os escritores do Novo Testamento não somente dizem que o plano da promessa de Deus permeia todo o Antigo Testamento, como adotam também a fraseologia veterotestamentária como parte da maneira como expressam a revelação de Deus a eles.* Outras expressões como “o dia do Senhor”, “os últimos dias”, “o Servo do Senhor”, “meu Filho”, “meu Primogênito”, “meu Mensageiro”, “meu Santo”, o “reino de Deus” e o “Messias” foram paulatinamente acrescentados ao Antigo Testamento tornando-se praticamente rotineiros no vocabulário empregado pelo Novo Testamento.

8. *Os autores do Novo Testamento ensinam que a promessa de Deus tem efeito eterno e irrevogável.* Não obstante o “endurecimento [que] veio em parte” sobre Israel (Rm 11.25), ainda assim “os dons e os chamados de Deus são irrevogáveis” (Rm 1.29). Paulo era contundente a esse respeito:

Irmãos, eu vos falarei em termos humanos. Embora feito por um homem, ninguém anula um testamento já validado, nem lhe acrescenta coisa alguma. Assim as *promessas* foram feitas a Abraão e a seu descendente. A Escritura não diz: E a seus descendentes, como se falasse de muitos, mas como quem se refere a um só: E a teu descendente, que é Cristo. E eu afirmo: A lei, que veio quatrocentos e trinta anos mais tarde, não anula o testamento antes validado por Deus, cancelando a *promessa*. Pois, se a herança provém da lei, já não provém mais da *promessa*. Mas foi pela *promessa* que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão. (Gl 3.15-18, grifo do autor).

Não menos categórica é a declaração do autor de Hebreus:

Quando Deus fez a *promessa* a Abraão, jurou por si mesmo, visto não ter outro maior por quem jurar [...] Assim Deus, querendo mostrar mais claramente aos herdeiros da *promessa* a imutabilidade de seu propósito, interveio com juramento, para que nós [as gerações posteriores a Abraão e a seus herdeiros], que nos refugiamos no acesso à esperança proposta,

Qual o tema central da Bíblia?

Diante da diversidade de autores, gêneros e contextos dos diversos livros bíblicos, é plausível trazer à tona essa questão? Com ela, não estaríamos impondo sobre o texto bíblico um sistema forçado e antinatural?

A essas difíceis questões a disciplina da teologia bíblica luta para responder. Nesta edição revista e expandida de sua clássica *Teologia do Antigo Testamento*, Walter C. Kaiser Jr. propõe uma solução para tantos assuntos incertos. Sugere que existe, sim, um centro unificador da teologia e da mensagem da Bíblia indicado e afirmado pelas próprias Escrituras. Esse centro é a promessa de Deus. De abrangência universal, esta promessa de vida através do Messias envolve toda a história de salvação do Antigo e Novo Testamentos, trazendo coesão e unidade às diferentes partes da Bíblia.

Uma vez esboçada sua proposta, Kaiser percorre cronologicamente os livros dos dois testamentos, demonstrando como a promessa é entendida ao longo do tempo, como os vários subtemas de cada livro se relacionam com a promessa, e como o plano de Deus para cumprir a promessa se desenvolve progressivamente. *O plano da promessa de Deus*, esta rica e esclarecedora teologia bíblica, impactará sua mente e seu coração.

